



AS PRIMAVERAS E SUAS DIMENSÕES SUBJETIVAS – Um pouco de mim

**Eliane Costa Santos
(Liu Onawale Costa)**

Epa baba !

Me inspirei inicialmente em Cidade Negra* para as memórias dessa minha caminhada, principio das quebras epistemológicas que me faz ser uma etnomatemática. Faço analogia as transformações da primavera, sustentada por duas grandes dimensões - numa se encontra um cajado e todas as ferramentas que dele antecede e, noutra, três famílias. Por certo são os sustentáculos da trajetória de vida de Eliane Costa Santos (Liu Onawale Costa) uma mulher negra, soteropolitana, professora universitária, pesquisadora em etnomatemática, nessa Estrada** por 57 anos

*Banda originária do reggae, mas com outras influências como soul e o pop rock. Surgiu na cidade de Belford Roxo, no Rio de Janeiro em 1986.

** composição do grupo

Percorri milhas e milhas antes de
dormir
Eu nem cochilei,
Os mais belos montes escalei.

Vim de uma família pobre, com a ciência de que a educação muda a estrutura social do indivíduo. Nesse sentido, me dediquei a estudar, mas, entendendo que não era apenas o estudo, portanto, subverto e desafio esse mundo que me rejeita. Assim, sei exatamente como meus caminhos foram marcados nas vertentes educacionais, religiosas, econômicas.

Sendo assim essa minha escrivência tem como raiz os passos que vieram de muito longe com pegadas fincadas por Everaldo Araújo Santos e Helena Costa Santos, nas tantas histórias de vida contadas, buscando inventar e reinventar estruturas para cada um dos seus filhos serem mulheres e homens de bem, e para o bem da coletividade criar outrxs 'filhxs'. Incontestavelmente a maior herança que herdo da minha família consanguínea é a riqueza social, o capital cultural e afetivo. Reconheço que o maior trunfo, que me move até aqui é o legado da sabedoria de buscar preencher qualquer lacuna por meio do respeito e solidariedade humana... pela pertença da espiritualidade e pelo saber cósmico em território religioso estando no fim, me sinto a primeira, mas no território acadêmico é uma re (existência), na qual essa trajetória está demarcada por subjetividades.

Assim se forma minha vida, como de toda mulher negra, rodeada pelo racismo estrutural, mas suleada por sábios símbolos e signos que como as águas de um rio, tracejam espaços de forma tranquila, mas se necessário rompe a abertura de uma comporta e inunda o mundo, transgredindo, insubordinando e trazendo outras epistemos a partir de uma quebra de estrutura colonial, deshomogeneizando de conhecimentos.

Na minha transgressão, me torno negra na década de 90 e sou levada ao MNU, ILE AIYE, CEAFFRO, SENUN...as pegadas são tão intensas que deixam bons rastros até hoje, sigo por docente na UNILAB Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira Males /Ba, Professora convidada do mestrado ULAN Universidade Luedi A'NKonde / Dundo Norte /Angola .

No MNU faço parte da equipe organizadora do SENUN-Seminário Nacional de Universitários (as) Negros (as), sob a perspectiva de discutir a “Universidade que o povo negro quer” e quase vinte e cinco anos depois faço concurso para a UNILAB - também construída por ideais de movimento social, nos quais parte deles, com similitudes, sem interligações, mas preteridas por nós do SENUN. Ha um adiconante a minha história da UNILAB - o curso de Pedagogia, tem no currículo o princípio da afrocentricidade – com a Etnomatemática enquanto componente obrigatório o qual leciono e coordeno o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática – GIEPEM / UNILAB.

Em 2019 complementa minha realização, com o convite do GEPEM/ USP (grupo que sou membro desde 2005) para integrar o primeiro mestrado em Educação com ênfase em Ciências e Matemática na ULAN-, sendo meu orientando quem abre portas, para outras defesas. Cada ida e vinda a Angola, percebo que sou outro Ser.

Desde a década de 90 em formações nas escolas, as indignações dos estudantes com a matemática deram base para repensar as formas de calcular, problematizar em diversas culturas, e assim, deixo meu bacharelado em contábeis, vou para minha segunda graduação em matemática, com um TCC discutindo etnomatemática.



Jogo de Ayô. Coleção do Museu Afro-Brasileiro
Foto:grafia: Claudiomar Gonçalves.

Aventurei ser formadora e discutir as matemáticas presentes nas danças e percussão no Projeto da Banda ERE do Ile Aiye; em dialogar com a matemática por meio das tranças no projeto Omindudu; as problematizações e cálculos no dia a dia das trabalhadoras domésticas do Projeto profissionalizante Ampliando Horizonte; a matemática e a cultura africana dos projetos da Escola Plural do CEAFFRO. Todas essas experiências antes da implementação da lei 10639 de 2003. Paralelo as instituições de movimento social, discuto na Educação formal do Ensino Básico, em São Francisco do Conde, a matemática existente no dia a dia dos feirantes e das marisqueiras. Experiências que me motivaram a realizar especialização em Educação para as Relações Etnorraciais também no CEAFFRO, discutindo a “Matemática e a Cultura afro-brasileira”, que por motivos outros não defendi.

O interesse pela quebra de paradigma numa outra dimensão temporal da matemática, contribuiu para que constituísse um projeto para “Bolsa Ford”, cursasse o mestrado em Educação matemática, adentrasse na Etnomatemática pesquisando os teares Kente em Ghana. Continuasse doutoramento com Etnomatemática e a Cultura Africana. Minha expertise propicia ao término de o doutorado ser assessora do Núcleo étnico racial da SME – São Paulo (2014-2016) e junto com a equipe, implantar jogo Mancala Awele - um jogo africano – em todo o município de São Paulo.



Tear. Coleção do Museu Afro-Brasileiro. Origem: Abomey, República Popular do Benin. Doação do Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 1976. Foto:grafia: Claudiomar Gonçalves.

Em 2020 escrevo com co-autoria de Assis Anderson o livro infantil, sobre o jogo Mancala de Guiné Bissau – “Historias além-Mar”.

Mas nem tudo pode ser respondido com a lógica da precisão dessa querência, nas primaveras de 2008, 2013, 2018, 2019 algumas flores se esparramam pelo chão e viraram cinzas cintilantes...” Apontando a circularidade da vida.

Se hoje estou aqui, se essa produção epistêmica decolonizada existe, ontem eu estava aí, na transição - e o fim se torna início.

Termino aqui como que iniciando - Laroye !